

FRENTE: PORTUGUÊS II

EAD – ITA/IME

PROFESSOR(A): SOUSA NUNES

AULA 14

ASSUNTO: SIMBOLISMO



Resumo Teórico

Tanto no Brasil como em Portugal, o Simbolismo iniciou-se na última década do século XIX e avançou pelo início do século XX, paralelamente a tendências pré-modernistas. O misticismo, o sonho, a fé, a religião são valores retomados em uma tentativa de encontrar novos caminhos.

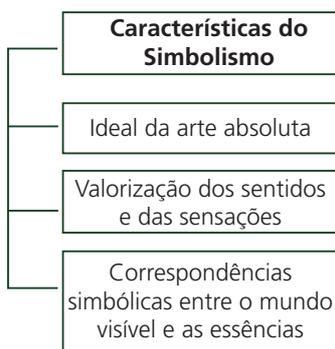
O movimento rejeitou o cotidiano popular e defendeu o ideal estético da fusão da vida com a arte. Buscava-se uma arte absoluta e atemporal por meio de uma linguagem universal.

Por valorizar o mundo interior e a espiritualidade, a arte do Simbolismo é subjetivista, muito semelhante à dos românticos do início do século XIX. Os simbolistas vão além, atingindo as camadas do inconsciente e do subconsciente.

Esquema do Simbolismo

O movimento simbolista é de origem francesa e inicia-se com a obra *As flores do mal* (1857), de Charles Baudelaire.

- Reação ao descritivismo parnasiano.
- Subjetivismo.
- Sugestão através de símbolos e metáforas originais.
- Sugestão através da musicalidade da linguagem.
- Mistério, espiritualismo e misticismo.
- Descoberta das camadas profundas da vida psíquica.
- Abandono das fórmulas poéticas rígidas e uso de uma nova linguagem.
- Domínio do vago, do obscuro, do nebuloso, do inefável.



Contexto histórico

Nas duas últimas décadas do século XIX, começa uma reação contra os positivismo, os determinismos das visões mecanicistas do Realismo.

A ciência e a técnica, em constantes descobertas desde a Segunda Revolução Industrial, permitem ao homem um conforto material extraordinário: telefone, motor a explosão, microfone, fonógrafo, raios X, lâmpada incandescente, cinematógrafo, telégrafo etc. Alguns intelectuais, distanciados da euforia do progresso, comunicam que toda aquela técnica não coincidia com as necessidades do espírito.

Essa contestação, empreendida por artistas e filósofos, acaba (no século XX) sendo assumida pela própria ciência, que agirá com prevenção diante da objetividade materialista. É o que afirmam Einstein e Freud; para o primeiro, nem o tempo nem o espaço podem ser medidos com exatidão (pelo menos quando aplicados ao indivíduo); para o segundo, o inconsciente é tão real quanto o consciente.

Visão mística do mundo

O abandono do cientificismo e do positivismo, que marcaram a segunda metade do século XIX, leva os simbolistas a buscarem a fé, manifestando um misticismo indefinido, mas ligado à tradição cristã. A crença na existência de um mundo ideal, que só se pode alcançar pela beleza pura que deve ser expressa pela poesia, resulta em uma produção literária cercada de um clima de fluidez e de mistério.

Alienação social ou Nefelibatismo

O principal interesse simbolista é a sondagem do “eu”, a decifração dos caminhos que a intuição e a sensibilidade podem descortinar. Sua busca é do elemento místico, não consciente, espiritual, imaterial.

Essa é a explicação para o tom de desinteresse pelo social que beira a alienação, característico do Simbolismo.

O Simbolismo no Brasil

Iniciado oficialmente em 1893, com a publicação de *Missal* (prosa poética) e *Broquéis*, de Cruz e Sousa, considerado o maior representante do movimento no país, ao lado de Alphonsus de Guimaraens, o Simbolismo brasileiro, segundo alguns autores, não foi tão relevante quanto o europeu. Em outras palavras, não conseguiu substituir os cânones da literatura oficial, predominantemente realista e parnasiana.

Esse fenômeno não é difícil de entender: a ênfase no primitivo e no inconsciente desta poesia, seu caráter universalizante e ao mesmo tempo intimista não respondiam às questões nacionais. Desde a Primeira República vinham se refletindo por meio das tendências racionalistas do Realismo e também do Parnasianismo.

Assim, o Simbolismo brasileiro ocorreu paralelamente com um fluxo de autores e obras neoparnasianos, dentre os quais ressaltamos os poetas José Albano e Raul de Leoni.

Cronologia do Simbolismo no Brasil

Período: séculos XIX e XX.

- Início: 1893 – Publicação de *Missal* e *Broquéis*, de Cruz e Sousa.
- Fim: por volta de 1902 – Publicação de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, que inicia o Pré-Modernismo.

Principais características do Simbolismo

- Sugere em vez de descrever, simboliza em vez de nomear.
- Redescobre a subjetividade, o sentimento, a imaginação, a sensualidade e a espiritualidade.
- Explora o subconsciente e o inconsciente.
- Usa predominantemente imagens sensoriais e metafísicas.
- Prioriza a musicalidade, com aliterações, assonâncias, paralelismos, repetições.
- Prefere as sinestésias, metáforas, prosopopeias e analogias como figuras de linguagem.
- Utiliza letras maiúsculas em substantivos comuns, para torná-los absolutos.
- Expressa uma religiosidade não convencional; pelo desregramento dos sentidos, da sexualidade, das emoções, de delírios e alucinações.
- Busca o misterioso, o oculto, o vago, o caótico, o alógico, o anárquico, o indefinível e o inexprimível.
- Considera o poeta como vidente de realidades transcendentais e a poesia como expressão de vidência mediúcnica.
- Anuncia o Modernismo, em sua busca da Poesia Pura: uma realidade tecida apenas de palavras.

- Preocupação formal que se revela na busca de palavras de grande valor conotativo e rico em sugestões sensoriais; a realidade não é descrita, mas sugerida.
- Comparação da poesia com a música.
- A poesia é encarada como forma de evocação de sentimentos e emoções.
- Frequentes alusões a elementos evocadores de rituais religiosos (incenso, altares, cânticos, arcanjos, salmos etc.), impregnando a poesia de misticismo e espiritualidade.
- Preferência por temas subjetivos, que tratam da Morte, do Destino, de Deus etc.
- Enfoque espiritualista da mulher, envolvendo-a em um clima de sonho onde predomina o vago, o impreciso e o etéreo.

Formas e tendências

Reincorporação do poeta à *práxis* existencial

O Simbolismo promove um reatamento das relações entre poesia e vida, poesia e angústia: O poeta simbolista sente-se um estrangeiro neste mundo mediado pela ganância e pelo mal, como diz Cruz e Sousa, em “Tédio”:

.....
 Sangue coalhado, congelado, frio
 Espasmado nas veias...
 Pesadelo sinistro de algum rio
 De sinistras areias...

 Mudanças epilépticas, mudas, mudas...
 Mudanças epilépticas,
 Masturbações mentais, fundas, agudas,
 Negras neurastenias.

 Florescência do Mal, hediondo parto
 Tenebroso do crime,
Pandemonium feral de ventre farto
 Do Nirvana sublime.

 Porco lúgubre, lúbrico, terroso
 Do tábido pecado,
 Fuçando colossal, formidoloso
 Nos lodos do passado.

 Insônia morna e doente dos Espaços
 Letargia funérea,
 Vermes, abutres a comer pedaços
 Da carne deletéria.

Faróis, 1900.

Articulação das epifanias apocalípticas

Se o real é viciado e doloroso, o poeta cria o seu avesso na poesia. Isto significa que o poeta não é um alienado, porque cria poeticamente um mundo que é contrário deste, um mundo que é sua **negação** estética. Como Cruz e Sousa, em sua “Canção do Bêbado”:

Na lama e na noite triste
 Aquele bêbado ri!
 Sua alma velha onde existe?
 Quem se recorda de ti?

Que flores de graça doente
Sua fronte vem florir
Que ficas amargamente
Bêbado, bêbado a rir?
Que vês tu nessas jornadas
Onde está o teu jardim
E o teu palácio de fadas
Meu sonâmbulo arlequim?

.....
Faróis, 1900.

A fuga da alma

Ao contrário do Romantismo (em que a fuga nada mais é do que a escolha da natureza ou do passado como espaço da felicidade), o Simbolismo escolhe a fuga para fora do mundo conhecido, para além do mundo material. Daí seu misticismo (que nem sempre significa purificação, pois pode dar no inferno, como em Rimbaud) que faz o poeta descer às regiões mais recônditas e profundas do seu inconsciente, buscando o que é vago e caótico, e libertando-se da tradição de ter que se exteriorizar de maneira clara e concreta. Para ilustrar, observem o poema “Folhas da Alma”, de Pedro Kilkerry:

Tu vens... e, oh! fina estranheza!
Respiro uma ilusão morta;
Sorrindo, minha tristeza
Moça lunar... te abre a porta.

Se em tua frente de sonho
O sonho é uma flor de cera
Chegas... Do que era tristonho
Que luz rosada nascera!

Mas, em ti, a ilusão morta
Lembrou a sua estranheza;
Vem! São dois braços à porta
Da minha antiga tristeza.

Revisão de Kilkerry, comentários de Augusto de Campos.

Hermetismo

O verso simbolista é obscuro, hermético, criado segundo um processo de sacralização que guarda distância em relação ao vulgar e ao profano. O poema se constrói por implicações de sentidos, sons, ritmos, sugestões.

É O SILÊNCIO

É o silêncio, é o cigarro e a vela acesa.
Olha-me a estante em cada livro que olha.
E a luz nalgum volume sobre a mesa...
Mas o sangue da luz em cada folha.
Não sei se é mesmo a minha mão que molha
A pena, ou mesmo o instinto que a tem presa.
Penso um presente, num passado. E enfolha
A natureza tua natureza.
Mas é um bulir das coisas... Comovido
Pego da pena, iludo-me que traço
A ilusão de um sentimento e outro sentimento.
Tão longe vai!
Tão longe se aveluda esse teu passo.
Asa que o ouvido anima
E a câmara muda. E a sala muda, muda...
Afonamente rufa. A asa da rima
Paira-me no ar. Quedo-me como um Buda
Novo, um fantasma ao som que se aproxima.

Cresce-me a estante como quem sacuda
Um pesadelo de papéis acima...

.....
E abro a janela. Ainda a lua esfia
Últimas notas trêmulas... O dia
Tarde florescerá pela montanha.

E oh! Minha amada, o sentimento é cego...
Vês? Colaboram na saudade a aranha,
Patras de um gato e as asas de um morcego.

Revisão de Kilkerry – Augusto de Campos – 1ª Edição –
São Paulo: Fundo Estadual de Cultura, 1970, p. 290.

O verso com valor musical

Tendo mais liberdade sintática que os parnasianos (cultores da subordinação), os poetas simbolistas trabalham basicamente com coordenações, o que lhes dá o privilégio de escolher descontraidamente as palavras. Podem, portanto, dar primazia à **sonoridade**, já que não estão presos a nenhum sentido preciso e racional.

A musicalidade do Simbolismo **valoriza o sugestivo**, as **imagens em movimento temporal** e a **diminuição do significado lógico das palavras**. À medida que não compreendemos o significado de uma frase, tendemos a prestar mais atenção no seu aspecto sonoro.

Para alcançar esta sonoridade, os simbolistas se valeram de:

- **onomatopeia**: figura que resulta da repetição ou combinação de palavras, cujos sons, em uma espécie de **harmonia imitativa**, dão ideias exatas ou aproximadas do objeto ou da ação a que se refere o texto.

Exemplo simbolista, encontramos em “A Catedral!” de Alphonsus Guimaraens:

Entre brumas, ao longe, surge a aurora.
O hialino orvalho aos poucos se evapora.
Agoniza o arrebol.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece na paz do céu risonho
Toda branca de sol.
E o sino canta em lúgubres resposos:
“Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!”

Pastoral dos Crentes do Amor e da Morte, 1923.

- **Aliteração**

Sequência de consoantes idênticas ou congêneres:

Vozes veladas, veludas vozes
Volúpias dos violões, vozes veladas
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas

Cruz e Sousa. “Violões que choram”. *Broquéis*, 1893.

- **Assonância**

Sequência das **mesmas** vogais nas sílabas tônicas de palavras muito próximas:

“Claros incensos imortais que exalam”
“Musselinosas como brumas diurnas”

Cruz e Sousa. “Incensos”, *Broquéis*, 1893.

Valorização das sinestésias

É o cruzamento de sugestões provindas de órgãos sensoriais distintos:

Nasce a manhã, a luz tem cheiro... Ei-la que assoma
Pelo ar sutil... Tem cheiro a luz, a manhã nasce...
Oh sonora audição colorida do aroma!

Alphonsus de Guimaraens. "Soneto do Aroma", *Dona Mística*, 1899.

Quadro comparativo

Parnasianismo	Simbolismo
Concepção imediata da vida	Concepção mística da vida
Interesse pelo geral	Interesse pelo particular
Interesse pelo universal	Interesse pelo individual
Valorização plástica	Valorização musical
Objetivismo	Subjetivismo
Temas pagãos	Temas cristãos
Realidade	Imaginação
Matéria	Espírito
Real	Irreal
Poesia descritiva	Poesia sugestiva
O consciente e o terreno	O misticismo e o subconsciente
Concepção material da vida	Concepção mística da vida
Conhecimento lógico	Conhecimento intuitivo
Ênfase na realidade	Ênfase na imaginação e fantasia
Interesse geral	Interesse no espírito íntimo do homem
A palavra real	A palavra sonora, colorida

João da Cruz e Sousa



Cruz e Sousa

* Florianópolis (SC) – 24/11/1861

† Sítio (MG) – 19/03/1898

Conhecido como o "Cisne Negro" de nosso Simbolismo, seu "arcanjo rebelde", seu "esteta sofredor", seu "divino mestre", Cruz e Sousa procurou na arte a transfiguração da dor de viver e de enfrentar os duros problemas decorrentes da discriminação racial e social.

Era negro e filho de escravos. Nasceu em Desterro (atual Florianópolis), e faleceu aos 37 anos, devido à doença que lhe marcou a vida – a tuberculose. Foi jornalista de segunda categoria, e, como poeta, permaneceu incompreendido pela crítica, só tendo seu valor reconhecido após a morte.

Com o passar do tempo, foi considerado como o grande mestre de nosso Simbolismo, pela dimensão cósmica de sua obra, pela presença nela dos pobres e deserdados, pela grandeza da visão transcendental com que procura poeticamente redimir as limitações da condição humana, transfigurando para uma dimensão metafísica a Dor, a Morte, o Mistério, o Inferno e o Infinito, alguns dos grandes temas aos quais se dedicou.

Obras principais: *Missal*, *Broquéis* (1893); *Evocações*, *Faróis*, *Últimos sonetos*, *Litania dos pobres*, *Canção negra* (autobiografia).

Características da obra

- No início de sua carreira, manteve-se preso aos moldes do Parnasianismo, do qual nunca se afastou totalmente.
- Percorreu uma trajetória humana e poética marcada pela angústia existencial.
- Cultivou um confessionalismo revoltado, revelando assim a sua dor de existir, evidência nítida no livro *Faróis*.
- Tendo conseguido superar os padecimentos circunstanciais, o poeta se entregou ao conforto do Cristianismo, em que vislumbrou solução para sua angústia de "emparedado".
- Ao libertar a palavra das suas conotações lógicas ou gramaticais, atingiu a palavra diáfana, encontrando o seu objetivo estético, o Simbolismo. Buscou pôr fim ao sofrimento, à revolta e ao desespero.
- Sua poesia lembra Baudelaire, pelo jogo de contrastes entre o Bem e o Mal, a Carne e o Espírito, o Erro e a Verdade. Daí seu desespero metafísico, expresso em versos que serão tardiamente harmonizados pelo conformismo cristão.
- Tinha por cognome "Cisne Negro", por sempre ter mostrado em seus versos obsessão pela cor branca que faz contraste com os negros do Norte.
- O Realismo, por conta do pessimismo, e o Parnasianismo, em virtude do rigor da técnica poética, são as escolas que marcaram a formação do autor. Tudo enriquecido com aspirações transcendentais e com uma musicalidade e força sugestiva da linguagem poética de seus textos.
- Poeta de explosões emotivas, de descargas líricas, é o porta-voz de uma raça sofredora, homens oprimidos e relegados.
- Entre os seus maiores influenciadores podem ser apontados Baudelaire, com seu satanismo, sua prosa poemática e seu gosto pelos contrastes e sinestésias; e Mallarmé, com a magia encantatória das palavras, e Antero de Quental, com seus textos filosóficos de expressão noturna.

O ÚLTIMO CANTO DO CISNE NEGRO

Por Abelardo F. Montenegro

Nem sempre foi Cruz e Sousa um autor difícil e ininteligível. Há páginas que todos entendem. O seu verso constitui, sempre, "verdadeiro transunto, dos mais complexos estados d'alma".

Basta dividir em três partes principais a sua existência, "correspondendo cada uma delas a um dos seus livros de versos", segundo afirma João Pinto da Silva.

Primeira fase: *Broquéis*. Indiferença real ou aparente, diante dos grandes problemas de filosofia. Não o seduzem as amargas concepções da vida futura, do *além*. O que predomina é a ambição do artista, o culto da arte pela arte.

Segunda fase: *Faróis*. Data deste livro a sua psicalgia. Começa a dúvida e um ansioso desejo de saber o que há no *au-delá*.

Terceira fase: *Últimos Sonetos*. E o fecho de uma grande crise moral. Tranquilidade mística. Atenua a sua visão do mundo a certeza da recompensa, póstuma, prêmio sobrenatural dos bons.

Em *Últimos Sonetos*, ouve-se, apenas, o soluço do poeta negro que chora por não haver concretizado na terra as suas aspirações sociais e artísticas. A sua cólera e o seu ódio atingem o clímax. Não tem limites a sagrada revolta contra o *mundo de pestemonturo de fezes putrefacto*.

Ribeiro Ramos

Disponível em: <http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/revistas/1989_90/ACL_1989_1990_06_Cruz_e_Sousa_e_o_Movimento_Simbolista_no_Brasil_Um_Livro_Forte_Ribeiro_Ramos.pdf>.

TEXTO I

ALUCINAÇÃO

Ó solidão do Mar, ó amargor das vagas,
ondas em convulsões, ondas em rebeldias,
desespero do Mar, furiosa ventania,
boca em fel dos tritões engasgada de pragas.

Velhas chagas do sol, ensanguentadas chagas
de acasos purpúreos de atroz melancolia,
luas, tristes, fatais, da atra mudez sombria
de trágica ruína em vastidões pressagas.

Para onde tudo vai, para onde tudo voa,
sumido, confundido, esborado, à toa,
no caos tremendo e nu dos tempos a rolar?

Que Nirvana genial há de engolir tudo isto,
mundos de Inferno e Céu, de Judas e de Cristo,
luas, chagas do Sol e turbilhões do Mar?!

CRUZ E SOUSA, J. In: TORRES, Alexandre Pinheiro.

Antologia da poesia brasileira (Do Padre Anchieta a João Cabral de Melo Neto).

Porto: Lello & Irmãos Editores, 1984. v. 2, p. 618.

Fel: amargor.

Tritão: na mitologia grega, deus marinho filho de Poseidon e Anfitrite.

Ocaso: pôr do sol.

Pressagas: que contêm presságio (visões do futuro, prenúncios).

Esboarado: desfeito, pulverizado.

Nirvana: estado de felicidade plena alcançado, segundo os budistas, pela supressão do desejo e da consciência individual; para os indianos, o autocontrole e a meditação são os caminhos para atingir o Nirvana.

Atra (adj.): de cor negra; que produz tristeza; nocivo, terrível.

Análise

A alucinação que dá título a esse poema de Cruz e Sousa deve-se à agitação do mar e ao pôr do sol. A perturbação mental que domina a mente do poeta se manifesta pelo aparecimento de sensações visuais, auditivas, olfativas etc. atribuídas a causas objetivas que, na realidade, inexistem. A visão pessimista do mundo domina o eu lírico e repercute em todos os elementos da natureza. Em meio a tudo isso, tenta o poeta compreender a causa desse tormento, em vão. Concebe então o mundo como uma contradição, mistura de Céu e Inferno, de Cristo e Judas. A conclusão a que chega é a total incapacidade de entender o motivo de estar no mundo.

TEXTO II

Busca palavras límpidas e castas,
novas e raras, de clarões ruidosos,
dentre as ondas mais pródigas, mais vastas
dos sentimentos mais maravilhosos.

Enche de estranhas vibrações sonoras
a tua Estrofe, majestosamente...
Põe nela todo o incêndio das auroras
para torná-la emocional e ardente.

Derrama luz e cânticos e poemas
no verso, e torna-o musical e doce,
como se o coração nessas supremas
Estrofes, puro e diluído fosse.

Arte. Cruz e Sousa.

Análise

Este texto de Cruz e Sousa é um metapoema. Nele, a voz poética ensina ao aprendiz o que deve fazer para compor seus versos. A primeira atitude consiste em buscar palavras límpidas, puras (castas), novas e raras, em uma escolha que remete à sensação visual. Pode-se pensar que o poeta assume atitude parnasiana, pela preocupação formal. Mas é preciso entender que o poeta parnasiano, diferentemente do simbolista, busca o termo preciso, exato, ao passo que o simbolista busca o termo sugestivo, que diga as coisas indiretamente e produza musicalidade. Pela busca do verso “musical e doce” e do poema “emocional e ardente”, valoriza-se o ritmo, as sensações, as sugestões, o indefinível. Enquanto o Parnasianismo compara o poeta a um ourives, o Simbolismo o aproxima de um músico, que, em vez de sons, trabalhasse com palavras que têm o poder de evocar sentimentos e emoções, não o sentimentalismo choroso e superficial dos românticos, mas os profundos anseios e angústias que atormentam a sensibilidade do poeta.

Texto III

A Música da Morte, a nebulosa,
estranha, imensa música, sombria,
passa a tremer pela minh'alma e fria
gela, fica a tremer, maravilhosa...

Alma ferida pelas negras lanças
Da Desgraça, ferida do Destino.
Alma, de que a amargura tece o hino
Sombrio das cruéis desesperanças!

Não desças, Alma feita das heranças
Da Dor, não desças do teu céu divino.
Cintila como o espelho cristalino
Das sagradas, serenas esperanças.

Mesmo na Dor espera com clemência
E sobe à sideral resplandecência,
Longe de um mundo que só tem peçonha.

Das ruínas de tudo ergue-te pura
E eternamente na suprema Altura,
Suspira, sofre, cisma, sente, sonha!

Alma ferida. Cruz e Sousa.

Análise

Esse poema consiste em uma série de conselhos à Alma, destinatária da voz poética. Ao mesmo tempo em que descreve o estado em que se acha essa alma, o poeta vai orientando-a segundo sua visão de mundo. Ele apresenta um mundo em desajuste, cuja causa não é explicitada, o que aumenta a abrangência da experiência descrita. Situada numa eminência – o seu “céu divino” –, a alma brilha como “o espelho cristalino”. E ainda que tocada pela “Dor”, a alma deve esperar “com clemência”, subir ainda mais, até a “sideral resplandecência”. Somente no alto, longe de “um mundo que só tem peçonha”, livre das circunstâncias temporais, a alma, então, “suspira, sofre, cisma, sente, sonha”. Destaca-se, nesse poema, o recurso da maiúscula alegorizante que amplia a esfera semântica de algumas palavras, como “Alma”, “Desgraça”, “Destino”, “Dor”, “Altura”, e dilata os seus referentes até a imprecisão, substituindo o “nomear” pelo “sugerir”, o que constitui o cerne da poesia simbolista.

Alphonsus de Guimaraens



Alphonsus de Guimaraens

* Ouro Preto (MG) – 24/07/1870

† Mariana (MG) – 15/07/1921

Este, o pseudônimo literário de Afonso Henriques da Costa Guimarães, nascido de uma família de intelectuais de Ouro Preto e que veio a falecer na cidade de Mariana.

Foi nessa cidade, aliás, que exerceu a magistratura por toda sua vida.

Tendo Cruz e Sousa e Verlaine como seus grandes mestres, Alphonsus de Guimaraens é um poeta requintado, cuja produção foi marcada, em grande parte, pela morte prematura da amada – Constância –, musa inspiradora de um lirismo com fortes traços religiosos e caracterizado por uma musicalidade erudita.

Considerada como uma espécie de “Anjo, imagem mediadora entre a divindade e o homem que por ela supera o seu medo do cosmos e seu horror ao pecado”, Constância constitui o fio condutor das visões oníricas, do tom elegíaco, das imagens ancestrais, individuais e coletivas, que perpassam toda a obra do poeta.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *Literatura brasileira. Das origens a 1945*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Obras

Poesia

Centenário das Dores de Nossa Senhora (1899);
Câmara Ardente (1899);
Dona Mística (1899);
Kyriale (1902);
Pauvre Lyre (1921).

Prosa

Mendigos (1920).

Características da obra

- Poesia marcada profundamente pelo ambiente em que viveu, com procissões, igrejas, sinos tocando da manhã à noite.
- Constrói versos que refletem a lembrança da noiva, que ele perdeu na mocidade, dando um tom de amargurada tristeza.
- Frequentes referências a flores roxas, violetas, a virgens mortas, a fins de tarde.
- Tinha gosto por criar vocábulos e resgatar arcaísmo, o que se nota pelo tom do próprio pseudônimo.
- Verlaine e Mallarmé, poetas simbolistas franceses, foram seus mestres.
- Poesia pouco descritiva e bastante sugestiva. A música tem nela grande importância.
- Sintetizando todo o conjunto de sua produção, percebemos que as principais notas da sua temática são: o amor espiritualizado, a religiosidade, a evasão da vida, a morte, a natureza.
- Era uma alma aberta aos valores espirituais e religiosos, praticando um lirismo amoroso casto e dedicado.
- Foi um poeta místico, que sentiu e cantou as belezas do catolicismo, portanto, a fé e a liturgia católica inspiraram-lhe versos e poemas de grave beleza, com uma densa ressonância de Mistério, que deriva de uma experiência pessoal profunda.
- É o maior poeta místico de nossa literatura e um grande poeta Mariano – com belos poemas dedicado à Mãe das Dores.
- O poeta, diante das misérias e dores humanas, evade-se para o seu libertado mundo de fantasia, num extremo de desmaterialização. Essa evasão leva-o a um mundo medieval, de trovas e cantigas que suspiram por sua Deusa. A evasão da vida se exprime, enfim, no desejo da morte.
- Há muito de romântico em sua poesia, mas um romantismo profundo nas ressonâncias pelos recursos simbolistas.

TEXTO I

Ela chegou-se a mim com mãos de morta,
 E com uns olhares que eu desconhecia.
 O inverno vinha de bater à porta...
 – “Donde, Senhora, chegais vós tão fria?”

– “Do céu, do caos, do abismo, que te importa?
 Andei de penedia em penedia.
 O hiemal* frio senti que gela e corta,
 Fugi do luar, fugi da luz do dia...”

Os felizes julguei-os infelizes:
 Vi que a desgraça é a única rainha
 Que impera sobre todos os países...

Entre os meus braços virginais descansa:
 Não pude vir, ai! como outrora vinha,
 Pois eu sou a tua última Esperança!”

*Hiemal = hibernal, que se desenvolve no inverno.

“Ela chegou-se a mim com mãos de morta”, Alphonsus de Guimaraens.

Análise

O poema descreve o encontro da última Esperança do poeta, personificada, grafada em maiúscula alegorizante, segundo as regras do Simbolismo. Ela é concebida como uma senhora que se aproxima com mãos de morta, ou seja, frias, gélidas e lívidas, e com olhar estranho, porém de braços virginais. Assim, percebe-se que a imagem de esperança como algo positivo é contrariada. Não se sabe, porém, precisamente que esperança é essa. Mergulhada no indefinido e nas sugestões mais sutis, ela conta as suas peripécias, as desgraças por

que passou e diz que a desgraça é a única rainha que impera sobre os países. A esperança é pessimista, e pede ao poeta que descanse nos seus braços virginais, alegando ser a última esperança dele. Estão aí presentes no poema o senso do mistério e o gosto pela vaguidão, tão característicos da poesia simbolista, que persistem na indeterminação da esperança.

TEXTO II

“HÃO DE CHORAR POR ELA OS CINAMOMOS”

Hão de chorar por ela os cinamomos,
Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos,
Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão: — “Ai! nada somos,
Pois ela se morreu, silente e fria...”
E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: — “Por que não vieram juntos?”

Alphonsus de Guimaraens. “Pastoral aos crentes de amor e da morte.”
In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: J. Aguiar, 1960, p. 258.

Análise

Esse poema de Alphonsus de Guimaraens constitui uma verdadeira elegia, isto é, poema lírico de tom geralmente terno e triste. Nele, tudo reflete o sofrimento pela morte da amada, desde as plantas até os astros personificados. Solidária, a natureza compartilha a dor humana.

TEXTO III

ISMÁLIA

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na terra a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu.
Seu corpo desceu ao mar...

GUIMARAENS, Alphonsus de. *Poesia completa*. Organização de Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001, p. 313-314.

Análise

O tema desse poema é a loucura e a morte da pessoa amada, que confunde a lua com o reflexo desta na água do mar. A morte dá-se por afogamento nas águas após lançar-se a moça de uma torre, símbolo do isolamento, da alienação. Nota-se no poema que a jovem, quando enlouqueceu, começou a sonhar, confundindo fantasia (lua) com realidade (mar). No sonho, informa o poeta, ela se perdeu, isto é, afastou-se completamente da realidade, momento em que passa a ter desejos paradoxais: subir ao céu, descer ao mar. O termo **desvario**, sinônimo de loucura, aparece na terceira estrofe para mencionar outra atitude da ensandecida moça: cantar, sentindo-se perto do céu, porém distante do mar. Surge, então, sua comparação com um anjo para anunciar, de modo eufemístico ou indireto, a tragédia da louca, afogando-se no mar. As imagens delirantes de que se vale o poeta constituem recursos sensoriais para penetrar na esfera das essências em busca da ideia pura.



Exercícios

- (UFPE-Adaptada) Como escola literária, é correto afirmar que o Simbolismo
 - apresenta-se como uma estética oposta à poesia objetiva, plástica e descritiva, praticada pelo Parnasianismo, porém ainda presa aos valores burgueses.
 - define-se pelo anti-intelectualismo e mergulha no irracional, descobrindo um mundo estranho de associações, de ideias e sensações.
 - propõe uma poesia pura, hermética e misteriosa, que usa conceitos, e não imagens.
 - foi um movimento de grande receptividade e repercussão junto ao público brasileiro.
 - revolucionou a poesia da época, com o uso de versos livres e de uma temática materialista.
- (UFPE-Adaptada) O erotismo e o amor sensual podem estar presentes na poesia de vários movimentos literários, como se pode ver nos versos citados a seguir, exceto:
 - Ornemos nossas testas com as flores / E façamos de feno um brando leito / Prendamo-nos Marília, em laço estreito, / Gozemos do prazer de são amores. (Tomás Antonio Gonzaga, *árcade*)
 - O amor é finalmente / um embaraço de pernas / uma união de barrigas / um breve tremor de artérias / Uma confusão de bocas / um batalha de veias / um reboliço de ancas / quem diz outra coisa, é besta. (Gregório de Matos, *barroco*)
 - Enfim te vejo! – enfim posso, / Curvado a teus pés dizer-te, / que não cessei de querer-te, / Pesar de quanto sofri. (Gonçalves Dias, *romântico*)
 - Carnais, sejam carnais tantos desejos, / carnais, sejam carnais tanto anseios, / palpitações e frêmitos e enleios, / das harpas da emoção tantos arpejos... (Cruz e Sousa, *simbolista*)
 - Nua, de pé, solto o cabelo às costas, / Sorri. Na alcova perfumada e quente. / Sobre... cinge-lhe a perna a longamente; / Sobe... e que volta sensual descreve / Para abranger todo o quadril. (Olavo Bilac, *parnasiano*)

03. (Enem)

CÁRCERE DAS ALMAS

“Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,
Soluçando nas trevas, entre as grades
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza
Quando a alma entre grilhões as liberdades
Sonha e, sonhando, as imortalidades
Rasga no etéreo o Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas
Nas prisões colossais e abandonadas,
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,
que chaveiro do Céu possui as chaves
para abrir-vos as portas do Mistério?!”

CRUZ E SOUSA, J. *Poesia completa*. Florianópolis:
Fundação Catarinense de Cultura / Fundação Banco do Brasil, 1993.

Os elementos formais e temáticos relacionados ao contexto cultural do Simbolismo encontrados no poema *Cárcere das almas*, de Cruz e Sousa, são

- A) a opção pela abordagem, em linguagem simples e direta, de temas filosóficos.
- B) a prevalência do lirismo amoroso e intimista em relação à temática nacionalista.
- C) o refinamento estético da forma poética e o tratamento metafísico de temas universais.
- D) a evidente preocupação do eu lírico com a realidade social expressa em imagens poéticas inovadoras.
- E) a liberdade formal da estrutura poética que dispensa a rima e a métrica tradicionais em favor de temas do cotidiano.

• (Cessem) Texto para a questão 04.

“É, mais pedras, mais pedras se sobreporão às pedras já acumuladas, mais pedras, mais pedras, mais pedras ... Pedras destas odiosas, caricatas e fatigantes civilizações e sociedades ... E as estranhas paredes hão de subir – longas, negras, terríficas! Hão de subir, subir mudas, silenciosas, até às Estrelas, deixando-te para sempre perdidamente alucinado e emparedado dentro do teu Sonho...”

04. (Cessem) É comum, durante o Simbolismo, a criação de textos como o acima transcrito. Com base nesse excerto de Cruz e Sousa, podemos dizer que se trata de

- A) uma crônica historiográfica.
- B) uma tragédia em moldes clássicos.
- C) um romance em que predomina a descrição.
- D) um poema em prosa.
- E) uma sátira aos costumes.

• Trechos para a questão 05.

I. Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

II. Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luars, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turibulos das aras...

05. (Unep-BA) As duas estrofes podem ser, respectivamente, sintetizadas pelas seguintes expressões:

- A) “A poesia é a arte do sonho” – “A poesia é a expressão da emoção”.
- B) “A poesia é a revelação da loucura” – “A poesia é produto da inteligência”.
- C) “A poesia é arte da intuição” – “A poesia é fruto do trabalho com a palavra”.
- D) “A poesia é artefato” – “A poesia é sugestão”.
- E) “A poesia é a revelação do Oculto” – “A poesia é o desconcerto”.

06. (Unifesp) Leia o soneto de Cruz e Sousa.

SILÊNCIOS

Largos Silêncios interpretativos,
Adoçados por funda nostalgia,
Balada de consolo e simpatia
Que os sentimentos meus torna cativos;

Harmonia de doces lenitivos,
Sombra, segredo, lágrima, harmonia
Da alma serena, da alma fugidia
Nos seus vagos espasmos sugestivos.

Ó Silêncios! ó cândidos desmaios,
Vácuos fecundos de celestes raios
De sonhos, no mais límpido cortejo...

Eu vos sinto os mistérios insondáveis
Como de estranhos anjos inefáveis
O glorioso esplendor de um grande beijo!

Cruz e Sousa. *Broquéis, Faróis, Últimos Sonetos*, 2008.

A análise do soneto revela como tema e recursos poéticos, respectivamente,

- A) a aura de mistério e de transcendentalidade suaviza o sofrimento do eu lírico; rimas alternadas e sinestias se evidenciam nos versos de redondilha maior.
- B) o esforço de superação do sofrimento coexiste com o esgotamento das forças do eu lírico; assonâncias e metonímias reforçam os contrastes das rimas alternadas em versos livres.
- C) a religiosidade como forma de superação do sofrimento humano; metáforas e antíteses reforçam o negativismo da desagregação existencial nos versos livres.
- D) a apresentação da condição existencial do eu lírico, marcada pelo sofrimento, em uma abordagem transcendente; assonâncias e aliterações reforçam a sonoridade nos versos decassílabos.
- E) o apelo à subjetividade e à espiritualidade denota a conciliação entre o eu lírico e o mundo; metáforas e sinestias reforçam o sentido de transcendentalidade nos versos de doze sílabas.

• (Insper) Os versos abaixo referem-se à questão de número 07.

ISMÁLIA

Quando Ismália enlouqueceu.
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhrou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que deus lhe deu
Rufaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

Alphonsus de Guimaraens

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considere a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Carlos Drummond de Andrade

07. (Insper) Relacionando o poema *Ismália* a estes versos de Carlos Drummond de Andrade, é correto afirmar que:
- Ambos colocam em destaque o tema da loucura.
 - Apenas os versos de Drummond apresentam a ideia do esvaziamento do "eu".
 - Os poemas se opõem, já que Drummond propõe uma poesia ligada à realidade.
 - Ambos retratam a angústia dos seres incompreendidos pelos seus companheiros.
 - Apenas em *Ismália* é possível identificar o desejo de um futuro melhor.
08. (ESPM) O sincretismo (de elementos literários de várias épocas com características particulares do Simbolismo) pode aparecer no mesmo poema. Marque a alternativa que apresente os seguintes elementos: pessimismo, imagens vagas, presença do branco, vocabulário exótico, fusão dos sentidos, misticismo.
- Quente estrias a alma, à friagem, nas cousas... / Que bom morrer! manhã, luz, remada sonora... / Pousas um dedo níveo às níveas cordas, pousas / E és naufrago de ti, a harpa caída, agora. (Pedro Kilkerry)
 - A minha Alma, pobre ave que se assusta, / Veio encontrar o derradeiro asilo / No teu olhar de Imperatriz augusta, / Cheio de mar e de céu tranquilo. (Alphonsus de Guimaraens)
 - Para as Estrelas de cristais gelados / As ânsias e os desejos vão subindo / Galgando azuis e siderais noivados / De nuvens brancas a amplidão vestindo... (Cruz e Souza)
 - De onde ela vem?! De que matéria bruta / Vem essa luz que sobre as nebulosas / Cai de incógnitas criptas misteriosas / Como as estalactites de uma gruta?! (Augusto dos Anjos)
 - O vento vem vindo de longe, a noite se curva de frio; debaixo d'água morrendo meu sonho, dentro do navio... (Cecília Meireles)

- A questão de número **09** refere-se ao poema que segue.

MONJA

Ó Lua, Lua triste, amargurada,
fantasma de brancuras vaporosas,
a tua nívea luz ciliciada
faz murcheçar e congelar as rosas.

Nas flóridas searas ondulosas,
cuja folhagem brilha fosforeada,
passam sombras angélicas, níveas,
Lua, Monja da cela constelada.

Filtros dormentes dão aos lagos quietos,
ao mar, ao campo, os sonhos mais secretos,
que vão pelo ar, notâmbulos, pairando...

Então, ó Monja branca dos espaços,
parece que abres para mim os braços,
fria, de joelhos, trêmula, rezando...

Cruz e Sousa

09. O texto anterior apresenta, quanto ao tema, linguagem e conteúdo,
- A vida cotidiana; nível coloquial; predomínio do elemento emotivo.
 - O bucólico; adjetivação escassa; predomínio do elemento racional.
 - O tempo virginal da infância; simplicidade, termos de apreensão imediata; descrição da natureza brasileira.
 - Os fenômenos naturais; economia de metáforas; descrição objetiva da realidade.
 - O espiritual; palavras que despertam impressões sensoriais; paisagem transfigurada em sonho e fantasia.
- As questões **10** e **11** deverão ser respondidas com base no texto a seguir.

INCENSOS

Dentre o chorar dos trêmulos violinos,
Por entre os sons dos órgãos soluçantes
Sobem nas catedrais os neblinantes
Incensos vagos, que recordam hinos...

Rolos d'incensos alvadios, finos
E transparentes, fúlgidos, radiantes,
Que elevam-se aos espaços, ondulantes,
Em Quimeras e Sonhos diamantinos.

Relembrando turíbulos de prata
Incensos aromáticos desata
Teu corpo ebúrneo, de sedosos francos.

Claros incensos imortais que exalam.
Que lânguidas e límpidas trescalam
As luas virgens dos teus seios brancos.

Cruz e Sousa

10. O estilo e a característica do texto são:
- moderno/preciosismo vocabular.
 - neoclássico/linguagem coloquial.
 - romântico/linguagem popular.
 - simbolista/linguagem sugestiva.
 - parnasiano/linguagem objetiva.
11. O texto representa um(a)
- reafirmação dos valores clássicos.
 - reação contra o sentimentalismo parnasiano.
 - recuperação de traços significativos do estilo romântico.
 - incorporação de elementos da civilização moderna, do início de nosso século.
 - retorno ao bucolismo árcade.

- Texto para a questão **12**.

MÚSICA DA MORTE

A música da morte, a nebulosa,
a estranha, imensa música sombria
passa a tremer pela minh'alma e fria,
gela, fica a tremer, maravilhosa...

Onda nervosa e atroz, onda nervosa,
letes sinistro e torvo da agonia,
recresce a lancinante sinfonia,
sobe, numa volúpia dolorosa...

Sobe, recresce, tumultuando a amarga,
tremenda, absurda, imponderada e larga,
de pavores e de trevas alucina...

E alucinando e em trevas delirando,
como um ópio letal, vertiginando,
os meus nervos, letárgica, fascina...

Cruz e Sousa

- 12.** O texto registra a seguinte característica da escola literária em que se insere:

- A) Rompe com as regras rígidas das poesias de forma fixa.
- B) Recorre a uma linguagem eminentemente denotativa e coloquial.
- C) Copia a realidade objetivamente, sem distorções, tal qual todo o mundo a vê.
- D) Registra a realidade de maneira simbólica, segundo as sensações do poeta.
- E) Repele qualquer recorrência aos efeitos sensoriais na descrição da realidade.

- (Mackenzie/2013) Textos para as questões **13** e **14**.

TEXTO I

Mais claro e fino do que as finas pratas
o som da tua voz deliciava...
Na dolência velada das sonatas
como um perfume a tudo perfumava.
Era um som feito luz, eram volatas
em lânguida espiral que iluminava,
brancas sonoridades de cascatas...
Tanta harmonia melancolizava.

Cruz e Sousa

Vocabulário

Volatas: progressão de notas musicais.

Dolência: sofrimento.

TEXTO II

Antes de tudo, a Música. Preza
Portanto o Ímpar. Só cabe usar
O que é mais vago e solúvel no ar,
Sem nada em si que pousa ou que pesa.

Verlaine (Trad. de Augusto de Campos)

- 13.** (Mackenzie/2013) A proposta estética expressa no Texto II realiza-se em I por meio dos seguintes expedientes estilísticos, exceto:

- A) Recorrência de sons vocálicos e consonantais.
- B) Metáforas que sugerem volatilidade.
- C) Léxico requintado.
- D) Sinestesias.
- E) Rupturas sintáticas.

- 14.** (Mackenzie/2013) Considerados os seus principais traços estilísticos, o Texto I exemplifica

- A) uma tendência estética da primeira metade do século XIX que valoriza a assimetria da forma e a temática espiritualista.
- B) aspectos importantes da arte parnasiana: o apuro formal preconizado pelo ideal da arte pela arte e a impassibilidade.
- C) o modo pelo qual a literatura do final do século XIX reaproveita, de modo original, uma forma poética da tradição.
- D) a estética clássico-renascentista, em que se destaca a regularidade métrica e a contenção emotiva.
- E) preceitos estéticos que caracterizaram o Modernismo brasileiro, em especial a musicalidade e a valorização da percepção sensorial.

- (PUC-RS) Trecho para a questão **15**.

Hão de chorar por ela os cinamomos.
Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos.
Lembrando-se daquela que os colhia.

- 15.** (PUC-RS) Uma das linhas temáticas da poesia de Alphonsus de Guimaraens, como se observa no exemplo, é a

- A) amada morta.
- B) religiosidade profunda.
- C) transfiguração do amor.
- D) atmosfera litúrgica.
- E) paisagem mariana.

Gabarito

01	02	03	04	05
B	C	C	D	D
06	07	08	09	10
D	C	A	E	D
11	12	13	14	15
C	D	E	C	A